

## Moro desiste, Doria tropeça, e polarização se fortalece



O ex-juiz Sergio Moro segura sua ficha de filiação à União Brasil com o deputado Júnior Bozella. Acervo pessoal

# Moro desiste, Doria faz vaivém e 3ª via amplia indefinições para eleição

Ex-juiz da Lava Jato deixa o Podemos e se filia à União Brasil; aliados de Lula e Bolsonaro veem polarização se fortalecer

**BRASÍLIA** O vaivém de João Doria (PSDB-SP) e a desistência de Sergio Moro (União Brasil) de disputar a Presidência ampliam as indefinições na terceira via para criar uma candidatura competitiva às de Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

A mudança no xadrez eleitoral ocorreu com movimentações repentinas dos dois postulantes no mesmo dia. Moro saiu do Podemos, se filiou à União Brasil, e meio a resistências no novo partido, anunciou que abria mão, neste momento, da Presidência. Doria ensaiou se manter no cargo de governador de São Paulo e abandonar a pretensão de concorrer ao Planalto, mas recuou horas depois e manteve a candidatura —vista com desconfiança após a oscilação que irritou inclusive seus apoiadores.

Na avaliação de aliados de Lula e Bolsonaro, as mudanças fortalecem a polarização entre os dois primeiros colocados nas pesquisas. Apesar disso, na terceira via, alguns setores consideram haver a oportunidade de unificação em torno de algum nome mais competitivo.

Se for mantida a decisão de Moro, restam no campo da terceira via Ciro Gomes (PDT), Doria, a senadora Simone Tebet (MDB) e o deputado federal André Janones (Avante). Eduardo Leite (PSDB-RS) também corre por fora.

A ideia desses partidos é escolher um candidato para fazer frente a Lula e Bolsonaro. Moro teve de ceder, mesmo que momentaneamente, para evitar que sua filiação à União Brasil fosse questionada e até mesmo inviabilizada.

"A troca de legenda foi comunicada à direção do Podemos, a quem agradeço todo o apoio. Para ingressar no novo partido, abro mão, neste momento, da pré-candidatura presidencial e serei um soldado da democracia para recuperar o sonho de um Brasil melhor", afirmou o ex-juiz.

Ele chegou a redigir uma primeira nota informando a respeito da filiação, mas que não mencionava a desistência na corrida pelo Planalto. Esse primeiro documento chegou às mãos de integrantes da ala da União Brasil que resistiu ao ex-ministro, capitaneada pelo secretário-geral do partido, ACM Neto (BA). Insatisfeito com o texto, o grupo decidiu divulgar posicionamento contra a candidatura presidencial do ex-ministro, o que levou Moro a anunciar a retirada da candidatura. Embora o recuo seja lido como definitivo por alguns dirigentes da União Brasil, aliados do ex-juiz admitem, sob reserva, que ele não desistiu por completo do plano.

A declaração do ex-ministro foi dada, então, como forma de driblar as resistências internas e evitar, por ora, um questionamento à sua filiação. Após se filiar, Moro conversou com ACM Neto, que expôs a ele as divergências. O grupo aceita que ele dispute o Senado ou uma vaga de deputado federal por São Paulo, para onde o ex-magistrado transferiu seu domicílio eleitoral, que antes era no Paraná.

Esta ala fará frente à outra da União Brasil, que é entusiasta da candidatura. "É um privilégio ter Moro no partido. Ele vai agregar eleitoralmente em qualquer cargo que ele venha a disputar", afirmou o deputado Júnior Bozella (União Brasil-SP), um dos princi-

**CIRO GOMES DIZ QUE NÃO ESTARÁ ENTRE OS QUE DESISTEM DA PRESIDÊNCIA**

O ex-ministro Ciro Gomes, pré-candidato à Presidência pelo PDT, afirmou que não irá desistir de sua candidatura. A declaração ocorreu após o vaivém de João Doria (PSDB) e a decisão do ex-ministro Sergio Moro de se filiar à União Brasil, abrindo mão de concorrer ao Palácio do Planalto. "Muitos vão ceder, mas não serei eu", escreveu na manhã desta quinta (31).

pais fiadores e articuladores da migração de Moro.

O coordenador da campanha presidencial do ex-juiz, Luís Felipe Cunha, afirmou que ele não poderia entrar na sigla fazendo exigências.

"Vice não chega em um partido exigindo posições. Moro tem o desprendimento necessário para participar da construção de um projeto de país", disse o coordenador à Folha.

A decisão de Moro irritou a cúpula do Podemos, ao qual o ex-ministro havia se filiado em novembro do ano passado.

"Para a surpresa de todos, tanto a Executiva Nacional quanto os parlamentares souberam via imprensa da nova filiação de Moro, sem sequer uma comunicação interna do ex-presidenciável", afirmou a presidente do Podemos, a deputada Renata Abreu (SP).

O ex-magistrado esteve sendo pressionado também no Podemos a desistir da Presidência. Uma das razões seria a falta de recursos para sustentar uma campanha robusta.

A saída de Moro da corrida presidencial foi celebrada por outros partidos da chamada terceira via, já que afimila a quantidade de candidaturas.

Em outro movimento relevante desse campo, Doria protagonizou um vaivém amplo ou racha no próprio partido.

Ele chegou a comunicar seu vice, Rodrigo Garcia (PSDB) que ficaria no cargo e desistia da Presidência. A decisão gerou alvoroço na sigla, já que Doria tinha um acordo com Garcia para deixá-lo assumir o governo em abril.

À tarde, ele anunciou que havia desistido de ficar no governo do estado e que sairia candidato ao Planalto.

Continua na pág. A5

Continuação da pág. A4

Entre dirigentes de partidos da terceira via, a avaliação é que o tucano sai enfraquecido por demonstrar instabilidade. A leitura é que o gesto aumenta a desconfiança e a descrença em Dória, tornando difícil que outros partidos queiram endossar sua candidatura. Para aliados de Eduardo Leite, isso abre espaço para o gaúcho.

Aliados de Dória discordam que ele tenha perdido força e avaliam que ele sai maior por ter conseguido apoio do presidente da sigla à sua candidatura. O presidente do PSDB, Bruno Araújo, divulgou uma carta dizendo que o tucano deixaria, sim, o governo e disputaria a Presidência da República.

O gesto de Araújo, porém, foi lido por outras alas do PSDB mais como uma forma de salvar a candidatura de Garcia ao governo paulista.

Na prática, o vaivém do agora ex-governador ampliou o racha no PSDB e fortaleceu a intenção de integrantes do partido de impulsionar a candidatura de Leite, que perdeu as prévias.

Os aliados do gaúcho apostam que Dória não vai decolar e já pensam numa programação de viagens para Leite para que ele chegue a um patamar de 5% nas intenções de voto em meados do ano.

A ideia é torná-lo competitivo para ser considerado uma opção de presidencializável pelas siglas cujas cúpulas buscam uma terceira via.

O PSD também quer lançar um candidato, mas ainda não tem um nome definido e não participa das conversas com as outras legendas.

Para outros candidatos, o vaivém de Dória e o recuo de Moro mudam pouco o cenário de polarização entre Lula e Bolsonaro. Pelo contrário, a instabilidade e indefinição nessas candidaturas podem até reforçar a briga entre o presidente e o ex-mandatário e antecipar para o primeiro turno uma disputa de votos —isto é, anti-Lula ou anti-Bolsonaro.

“O segundo turno já começou”, disse Ciro Nogueira (PP-PI), ministro da Casa Civil. “Cada vez mais a terceira

via vai ficando mais distante. O juiz venal lançou candidatura simplesmente para tentar puxar voto para o partido dele. E o Dória mostra que a confusão está grande no PSDB, fragilizando o partido e acho que tem dificuldade de crescer depois dessa bravataria”, diz o deputado Rui Falcão (PT-SP).

“Vai ficando mais claro que a disputa será entre Lula e Bolsonaro”, avalia.

Integrantes de outras campanhas avaliam que o PT pode sair prejudicado pela saída de Moro pelo fato de que o voto do ex-juiz tende a ir para Bolsonaro. Isso, porém, terá de ser medido em pesquisas, avaliam petistas.

Aliados do presidente Bolsonaro viram na desistência de Moro na disputa pelo Planalto mais um passo para a polarização ainda no primeiro turno. Como a Folha mostrou, o entorno do mandatário aposta todas as fichas no antipetismo para a reeleição.

Ainda que João Dória se mantenha na disputa, a leitura é de que os votos do lava-jatoismo, que eram de Moro, estão mais próximos de Bolsonaro do que dos demais concorrentes. Avaliam ainda que o antipetismo falará mais alto nas urnas.

Auxiliares palacianos e ministros sempre apostaram suas fichas que Moro eventualmente desistiria. Seja pela falta de estrutura e recursos na campanha pelo Poderes, seja por simplesmente não decolar, como esperava.

Nas redes bolsonaristas, a desistência fortaleceu a tese de que o ex-juiz da Lava Jato é traidor. Primeiro, de Bolsonaro. Agora, do Podemos.

Na visão do presidente do PDT, Carlos Lupi, a saída de Moro fortalece a candidatura de Ciro. “O eleitor que estava apoiando o Moro é um eleitor que é ex-Bolsonaro, mas jamais será Lula. Então é mais natural eles virem para a gente do que para outra via. A gente quer mostrar nosso projeto, nossa proposta, nossa independência. Então acho que isso vai se dar naturalmente”, disse.

Julia Chaib, Marianna Holanda, Matheus Teixeira, Daniel Brant e Renato Machado



O ex-presidente Lula participa do lançamento da campanha de Jerônimo Rodrigues em Salvador. Rafael Martins/APP

## Lula ignora os anúncios feitos por Moro e Doria e adota a linha ‘paz e amor’ na Bahia

João Pedro Pitombo

**SALVADOR** Em meio a um dia conturbado no cenário político nacional, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ignorou os anúncios dos pré-candidatos Sergio Moro (União Brasil) e João Doria (PSDB) e adotou uma linha “paz e amor” em ato político na Bahia.

“Eu vou evitar falar mal dos outros. Eu vou falar bem de nós”, afirmou em discurso na solenidade de lançamento da pré-candidatura do ex-secretário da Educação Jerônimo Rodrigues (PT) ao Governo da Bahia.

Nesta quinta (31), o presidencialista Moro assinou ficha de filiação à União Brasil e disse que abriu mão “neste momento” de disputar o Planalto. Dória, que indicara a aliados que desistiria da disputa, recuou e afirmou que mantém a sua pré-candidatura.

Lula repetiu que ainda não decidiu se será candidato ao Planalto, mas projetou um governo sem rancores se eleito. “Não posso governar com ódio, não posso governar querendo vingança contra ninguém. Tenho que governar

com o coração. Governar com coração de mãe e tratar daqueles que mais precisam”, disse.

Fez ainda referências à Lava Jato, mas não citou Moro: “Estava vendo companheiro com uma placa aí que estava estava escrito assim: ‘Lula, me perdoe, porque eu acreditei na Lava Jato’. [...] Eu não preciso te perdoar porque você foi enganado. Eu já perdoei até quem te enganou, porque nós vamos vencer essa gente”.

Sobre o cenário local, Lula evitou falar dos potenciais adversários do PT ao governo da Bahia, e não citou os pré-candidatos ACM Neto (União Brasil) e João Roma (PL). “Eu nem sei quem são os nossos adversários”, disse o petista.

A postura amena em relação a ACM Neto contrasta com campanhas anteriores na Bahia, quando Lula e o ex-prefeito de Salvador trocaram rusgas e críticas públicas.

Na pré-campanha ao governo da Bahia neste ano, ACM Neto adotou uma estratégia de palanque aberto, tem evitado críticas a Lula e terá em sua coligação apoiadores do petista.

Lula destacou que apoiará Jerônimo Rodrigues na corri-

da pelo governo baiano e se referiu a ele como “esse Jerônimo que ainda nem conheço bem”. Também destacou o trabalho do PT na Bahia, que governa o estado há quatro mandatos: “Estamos governando a Bahia há 16 anos. Então, temos o que mostrar ao povo baiano”, afirmou.

O ato visava dar uma demonstração de força e de unidade. Cerca de 3.000 pessoas participaram do lançamento da pré-candidatura em uma casa de shows de Salvador, incluindo caravanas de eleitores que vieram de cidades do interior.

Foram distribuídos adesivos com fotos de Lula, Jerônimo Rodrigues e Otto Alencar, candidato a senador na chapa.

No início da tarde, houve tumulto e parte da militância forçou os portões para entrar no local.

Em seu discurso, o senador Jaques Wagner (PT) destacou a necessidade de voto casado nas eleições nacional e estadual.

“Lula vai dizer que é um político que tem lado. Tenho certeza de que ele vai dizer ‘aqui eu tenho um time’. Pa-

ra que ninguém tenha dúvida”, afirmou.

O governador Rui Costa (PT) prometeu a Lula uma larga margem de votos no estado: “Você terá na Bahia no mínimo 70% dos votos no primeiro turno. O Lula precisa da Bahia, a Bahia precisa do Lula”.

O desempenho do ex-secretário nas urnas será crucial para alavancar Lula na Bahia, quarto maior colégio eleitoral do país e fundamental para que ele abra vantagem de votos que compense reverses em outros estados.

Também discursou o vereador do interior. Também discursou o governador Geraldo Júnior (MDB), que até esta quarta (30) fazia parte da base aliada do prefeito Bruno Reis (União Brasil) e em janeiro participou do lançamento da candidatura de ACM Neto ao governo do estado.

A escolha de Jerônimo Rodrigues como candidato a governador se deu em meio a intensos atritos na base aliada de Rui Costa, que resultaram no rompimento do PP do vice-governador João Leão, um dos principais aliados do governo desde 2009.

## Dória desiste de desistir, mantém candidatura e renuncia ao governo

Tucano faz vaivém às vésperas de anúncio, irrita aliados e afirma depois que seu comportamento foi ‘estratégico’

João Doria não desistiu de disputar a Presidência da República. O governador de São Paulo anunciou que não deixará o governo e seguirá disputando a eleição presidencial em nome do PSDB. A decisão veio após um período de vaivém e especulações sobre sua intenção de desistir da candidatura e apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o Planalto.



Jantar de ‘despedida’ teve sumiço de vice e recados sobre reeleição

Em um jantar de despedida para o governador de São Paulo, João Doria, o vice-governador Bruno Reis não compareceu. A ausência foi interpretada como um sinal de tensão dentro da base aliada de Doria. Além disso, recados sobre a possibilidade de reeleição de Lula foram passados durante o evento.

Apesar de ter anunciado que não deixará o governo, Doria não descartou a possibilidade de apoiar Lula no primeiro turno. A decisão de não desistir da candidatura é vista como uma estratégia para manter o PSDB no cenário político nacional e estadual.



## Da prefeitura de SP a Alckmin e de Bolsonaro a PSDB, tucano acumula fama de traidor

**SÃO PAULO** A repentina mudança de rumos se soma a um histórico de controvérsias na trajetória de João Doria (PSDB) na política, como promessas não cumpridas e embates com aliados de quem se manteve muito próximo. Nos seis anos desde que disputou um cargo público pela primeira vez, o tucano se indispôs, por exemplo, com nomes como o ex-governador Geraldo Alckmin, fiador de sua primeira candidatura. Dentro do PSDB, consolidou sua liderança nacionalmente a partir de 2019, mas se viu diante de um progressivo racha interno. Nas prévias de 2021, foi cobrado pela aposta feita em 2018 na aproximação com o então presidente Jair Bolsonaro.

**Renúncia à prefeitura**  
"Comprometo-me a cumprir integralmente meu mandato nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020 caso seja eleito prefeito", dizia carta assinada por João Doria em evento de campanha municipal de 2016. Foi apenas uma das diversas ocasiões em que o tucano rejeitou a hipótese de abreviar o período à frente do município para alçar outros voos. A promessa durou poucos meses. Ainda no início de seu mandato como prefeito, Doria começou a articular sua pré-candidatura a presidente pelo PSDB para 2018. Não decolou nas pesquisas nem conseguiu apoio interno suficiente e decidiu disputar o governo do estado.

Deixou o cargo em 6 de abril de 2018, com pouco mais de 15 meses de mandato. Na disputa estadual, teve proporcionalmente mais votos no interior do que na capital.

**Conflito com padrinho**  
Doria se projetou na política a partir de 2015 como protegido do então governador de São Paulo Geraldo Alckmin. A força política do governador o impulsionou na vitória em prévias do PSDB, em 2016, e contribuiu para a eleição à prefeitura naquele ano. Ao longo de 2017, porém, os dois entraram em choque por causa de articulação para lançar candidato a presidente no ano seguinte. Doria passou a percorrer o país para se tornar mais conhecido, realizando dentro do PSDB com seu padrinho político.

Alckmin indiciou o rompimento em setembro de 2017. "Uma vez meu pai me falou: 'Lembre-se de santo Antônio do Pádua. Quando não puder falar bem, não diga nada'", disse, sobre o correligionário, em entrevista. O então governador fez valer sua força dentro do partido, assumiu o comando nacional da legenda e garantiu a condição de presidente para 2018. Doria disputou o Governo de São Paulo.

Nareta final da campanha, quando a candidatura Alckmin naufragava nas intenções de voto, Doria tentou manter distância e flertava com o bolsonarismo.

Confirmada a derrota na

eleição presidencial, Alckmin reclamou, dias depois, do aliado em reunião interna. "Traidor eu não sou", disse.

**BolsoDoria**  
Encerrada a votação do primeiro turno em 2018, João Doria se apressou em declarar apoio ao então presidente Jair Bolsonaro (então no PSL), que disputaria a segunda rodada contra o petista Fernando Haddad.

A iniciativa visava se aproximar de um eleitorado que tinha virado à direita naquela eleição e que não tinha um representante claro no segundo turno da eleição estadual. Doria concorria contra Márcio França, do PSB.

A declaração de apoio não teve respaldo no PSDB, que se manteve neutro no segundo turno presidencial. O movimento foi apelidado de voto "BolsoDoria" e virou mote em materiais de campanha.

Os dois foram eleitos. No início do mandato, em 2019, a convivência parecia que seria amigável, com fotos sorridentes em eventos.

Ainda naquele ano, Bolsonaro, porém, demonstrava contrariedade com a hipótese de o tucano se tornar adversário na eleição de 2022. Uma das razões iniciais para a desavença foi negocia-

ção para levar o Grande Prêmio Brasil de F1 de São Paulo para o Rio de Janeiro, que acabou não se concretizando. Os atritos mudaram de patamar com a eclosão da pandemia do coronavírus, em março de 2020. Doria liderava mobilização de governadores por medidas de restrição e passou a ser alvo do presidente e de seus apoiadores.

"Subiu à sua cabeça a possibilidade de ser presidente do Brasil. Não tem responsabilidade", disse Bolsonaro ao governador, naquele mês. Doria passou a chamá-lo de psicopata e a defender o impeachment.

**Desistência e crise**  
Vencedor das prévias do PSDB em novembro passado, Doria não decolou nas pesquisas de intenção de voto.

Nesta quarta-feira (30), nas vésperas do prazo para se desligar do governo, Doria avisou seu vice, Rodrigo Garcia (PSDB), de que pretendia permanecer no posto. A reviravolta deixou correligionários atônitos e abriu uma nova crise no PSDB. Garcia tinha acordo para assumir o governo e se lançar à reeleição.

O apresentador de TV José Luiz Datena, que se filiou à União Brasil para disputar o Senado em São Paulo, criticou Doria e disse que não teria mais compromisso em aliança. "Acho um movimento completamente equivocado do Doria se ele fizer isso, porque passa de traído a traidor do Garcia. Implode a candidatura dele", afirmou.

Na tarde desta quinta (31), Doria recuou, anunciou sua saída do governo do estado e afirmou que vai manter a pré-candidatura à Presidência.

# Manobra torta de Doria e saída de Moro tentam afunilar a 3ª via

Tucano não terá como apaziguar a revolta previsível no seu partido, e ex-juiz segue sofrendo resistências

### ANÁLISE

Igor Gielow

**SÃO PAULO** A jogada torta de João Doria e a desistência temporária de Sergio Moro de sua postulação presidencial deram à terceira via, a busca de uma alternativa ao duopólio dos líderes Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) na disputa pelo Planalto, um dia bem mais animado do que suas intenções de voto registradas até aqui.

A manobra de Doria para tentar subjugar o PSDB que não o aceita como presidente acabou com o tucano voltando à estaca zero, retomando os planos originais de deixar o governo paulista para Rodrigo Garcia tentar a reeleição, sem necessariamente apaziguar o partido.

Saem machucados do episódio Doria, o que sobra do PSDB e o próprio Rodrigo, que agora terá de convencer aliados de outras siglas de que os contratos firmados para a confecção de uma aliança nos últimos meses são para valer.

O paulista trucou, como se diz no carteadado: ameaçou ficar no cargo e desistir de tentar o Planalto. Por óbvio, tudo pode ter sido uma grande simulação, mas a crispação dos atores ao longo da madrugada e manhã desta quinta sugerem que a crise foi real. Doria foi duramente pressionado por aliados por seu anúncio.

Eles dizem que Doria queria uma aclamação por parte do PSDB, mas não só isso. No plano, a carta de reafirmação do resultado das prévias em que venceu Eduardo Leite (RS) do presidente da sigla, Bruno Araújo, seria engordada por um apoio mais ou menos explícito do MDB e do União Brasil — esta última sigla já reforçada por Moro.

A desistência momentânea de Moro, anunciada pouco antes do pronunciamento de Doria em São Paulo, em outros tempos seria o desenho sonhado pelo tucano para uma aliança de terceira via.

O problema do ex-juiz é outro: ele não tem apoio partidário orgânico. Candidato a deputado, pode ser um puxador formidável de voto, mas poucos no Congresso escondem sua ojeriza a Moro.

Só que não foi bem como o planejado, não menos porque há dois empecilhos à coligação que está sendo formada entre PSDB e os dois partidos: o próprio Doria. O líder de maior densidade do União, ACM Neto, não topa uma chapa com o tucano na cabeça, e o MDB segue reticente.

Doria teve de se contentar com a formalidade de Araújo, que por sua vez ajoelhou no milho após dar declarações ambíguas a respeito da ressurreição da candidatura Eduardo Leite operada por Aécio Neves e outros caciques.

Se tração é uma palavra tabu no Palácio dos Bandeirantes, por remeter à acusação feita por Geraldo Alckmin ao ex-aliado Doria, ela permeou todo o processo agora.

De fato, Doria vinha sendo traído pelo PSDB, sigla que tenta dominar, mas na qual nunca foi nunca foi majoritário. Se havia antes uma conspiração, contudo, agora ela deverá ganhar ares de revolta aberta contra o paulista.

Assim, implodindo os cacocs que nunca se juntaram desde que o partido esborrachou-se na campanha presidencial de Alckmin em 2018.

Mas tração também foi a palavra usada por aliados do próprio Doria, que se viraram a pé na montagem do acordo da transferência de poder para Rodrigo — ele mesmo, traído na concepção do plano, como sua ameaça de deixar a disputa deixou claro. Em público, apenas José Luiz Datena (União) se manifestou em público nesses termos.

Aos adversários internos e externos do tucano, restará a comemoração de mais uma tralha política percebida do rival. Se é verdade que operaram contra ele, é igualmente fato que Doria cometeu diversos erros, como a tentativa de tomar o controle do PSDB para si, revelada pela Folha no começo do ano passado.

O movimento do tucano, ao afetar a candidatura de Rodrigo em potencial, ameaçou 27 anos de domínio do PSDB em São Paulo. Simbolicamente, as fissuras já haviam sido explicitadas quando Alckmin deixou o partido e rumou para ser o vice de Luiz Inácio Lula da Silva, logo quem, pelo PSB.

Mesmo estando na casa dos 5%, Rodrigo reunia condições para deslanchar sua candidatura: relativamente desconhecido, com baixa rejeição e R\$ 50 bilhões em obras para tocar. Tanto foi assim que montou, com apoio central do MDB e do União Brasil, uma coligação robusta.

Se não mantiver o estado, o olívio desenhado em 2018, quando o PSDB teve menos de 5% dos votos no primeiro turno presidencial, poderá se tornar uma realidade.

Caberá ao agora pré-candidato Doria fazer o que não conseguiu até aqui, que é debelar as resistências de seus correligionários. Se caminhará com Moro, União Brasil e principalmente o MDB, é algo a ver ainda. Fácil, não será.

[...]

Se não mantivesse o estado, o olívio desenhado em 2018, quando o PSDB teve menos de 5% dos votos no primeiro turno presidencial, poderá se tornar uma realidade.

Agora, caberá ao pré-candidato Doria fazer o que não conseguiu até aqui, que é debelar as resistências de seus correligionários. Se caminhará com Moro, União Brasil e principalmente o MDB, é algo a ver ainda. Fácil, não será

“

Acho um movimento completamente equivocado do Doria se ele fizer isso, porque passa de traído a traidor do Garcia

José Luiz Datena (União Brasil-SP)  
apresentador de TV e pré-candidato ao Senado

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 4 a 7